

Assunta Marchetti



*Irmã missionária scalabriniana de
coração materno*

Congregação das Irmãs Missionárias Scalabrinianas

Assunta Marchetti

Cofundadora da Congregação das Irmãs
Missionárias de São Carlos Borromeo
Scalabrinianas

Porto Alegre, 25 de outubro de 2013

*Aniversário de Fundação da Congregação
25 de outubro de 1895*

**Congregação das Irmãs Missionárias de
São Carlos Borromeo Scalabrinianas**

Província Cristo Rei

Porto Alegre/RS/Brasil

www.mscs-pcr.org.br

CEMCREI

Centro de Estudos Migratórios Cristo Rei

Rua Castro Alves, 344

Porto Alegre-RS - CEP 90430-130

Fone/Fax: +55 51 3334 1833

cemcrei@cpovo.net

www.cemcrei.org.br

Responsável

CEMCREI

Elaboração do texto

Rose Marie Mendes da Cunha, lms

Ir. Teresinha Zambiasi, mscc

Alvanir Rhoden

Colaboradora

Ir. Celide Therezinha Bom, mscc

Diagramação e Arte

Ir. Teresinha Zambiasi, mscc

Apresentação

O presente livro busca divulgar a vida de Madre Assunta Marchetti, cofundadora e primeira Irmã da Congregação das Irmãs Missionárias de São Carlos Borromeo Scalabrinianas.

Madre Assunta foi uma grande missionária, e até hoje seu testemunho continua sendo lembrado em nosso meio, ficou conhecida como a missionária da caridade. Desde muito jovem, demonstrou que sua vida estava a serviço de Deus. Superou dificuldades e muito ajudou sua família. Foi grande incentivadora de seu irmão José a tornar-se sacerdote. Cresceu e passou sua vida semeando a esperança entre todos os que a cercavam, de modo especial no serviço aos órfãos e aos migrantes mais pobres e necessitados.

Assunta sentiu em seu íntimo o chamado de Deus, que a convocava para algo novo e diferente, até então impensado por ela, pois desejava recolher-se num convento. Olhando amorosamente para o Sagrado Coração de Jesus, percebe que sua alma se enche de ternura e aceita o desafio: acompanhar os migrantes italianos, e tornar-se uma mãe terna e solícita para os órfãos em terra estrangeira, no Brasil, na vida religiosa consagrada como Irmã Missionária de São Carlos.

Sua presença entre os migrantes, órfãos, irmãs religiosas e pessoas em geral, era a expressão do amor de Deus, era como uma luz que fazia brilhar esperança nos escuros caminhos. Sempre com alegria, obediência a Deus e trabalhando muito, procurava fazer a sua parte, estimulando a todos a sempre confiar no Senhor.

Sem intimidar-se com dificuldades, carregava sua própria cruz com muita coragem e fé. Levava às suas Irmãs de Congregação incentivo para que juntas consolidassem o amor ao próximo. Toda sua energia era fruto de longas horas em oração diante da Eucaristia, do Sagrado Coração de Jesus e na devoção a Nossa Senhora com a reza do rosário, diariamente.

Olhar atentamente para a vida de Madre Assunta nos faz descobrir uma mulher prudente, incansável, humilde, forte, solícita, amorosa, rica de fé, esperança e caridade. Que ela sirva de exemplo para todos nós, a fim de sermos disponíveis em acolher e praticar gestos concretos de amor a Deus e aos irmãos necessitados.

Neste livro você vai compreender um pouco mais sobre a vida de Madre Assunta Marchetti. Ele foi escrito de forma que é ela própria quem conta toda sua trajetória de amor a Deus e dedicação ao próximo.

Irmã Maria do Rosário Onzi, mscs
Superiora Provincial

MADRE ASSUNTA

Irmã Missionária
Scalabriniana

**Pioneira e
Cofundadora**



I

Minha história

1. Meu nascimento

Eu nasci na zona rural, numa pequena aldeia chamada Camaiore, lá na Itália. Era um dia de grande festa religiosa na nossa terra, porque se comemorava em toda a Igreja a Assunção de Nossa Senhora - quando Maria, Mãe de Deus, foi levada aos céus junto a seu filho Jesus.

Por isso, como podem ver, recebi o nome de Assunta. Meu nome completo é Maria Assunta Caterina Marchetti, mas eu fiquei conhecida mesmo pelo nome de Assunta na família e na vida religiosa: Irmã Assunta ou Madre Assunta.

2. Minha família

Meus pais se chamavam Ângelo e Carolina. Eram pobres, como todo o povo da região. Meu pai trabalhava no moinho de Lombrici, que ficava a dois quilômetros de Camaiore, onde nasci e onde vivíamos todos nós.

Eu tinha dois irmãos mais velhos: Agostinho e José. Nossa família foi ficando grande depois de mim, pois nasceu Ângela, Teresa, Pio, Vicente, Elvira, Filomena e Maria Luiza.

Destes, dois morreram ainda muito pequenos: Vicente, que viveu somente um mês, e Filomena que viveu por quatorze meses. Mas tivemos

duas Filomenas em nossa família.

Como isso? Devo explicar esse mistério. Nossa primeira Filomena viveu por apenas quatorze meses, e depois de onze meses de sua morte, Deus nos consolou com outra irmã, que recebeu o mesmo nome em lembrança e como sinal de nosso afeto pela Filomena que havia morrido tão pequena.



Família Marchetti

Minha mãe trabalhava sem parar para cuidar da casa e da família. Fui crescendo e comecei a ajudá-la, pois eram muitos os irmãos e exigiam bastante atenção. Lembro-me de minha mãe falando:

- “Assunta, fica com os pequenos enquanto eu vou estender a roupa.”
- “Assunta, vai ver onde estão os pequenos!”
- “Assunta, eles já fizeram a oração da noite?”

Fazia sempre o que ela pedia. Sempre obedeci minha mãe. Na verdade, eu gostava de cuidar de meus irmãos e ajudá-la. Gostava de nossa vida, mas desde pequena eu sonhava em entrar num convento quando crescesse. Só que isso não aconteceria logo.

3. Infância e juventude

Meu pai era moleiro, quero dizer, empregado num moinho. O moinho de Lombrici.

O moinho funcionava dia e noite - sua roda, movida pelas águas da torrente Lombricese, moía o trigo, transformando-o em farinha. Era lindo de ver aquela brancura toda, que depois iria se transformar em pão.

O responsável por isso era meu pai. Meu irmão mais velho, Agostinho, era seu ajudante.

Assim como minha mãe, nosso pai também precisava de ajuda, de

muita ajuda, porque ele e Agostinho trabalhavam até tarde da noite. Por isso, meu irmão José e eu íamos muitas vezes ajudá-los.

Enquanto José e eu caminhávamos da casa até o moinho, íamos sempre conversando:

- Não sei se vou poder ir para o seminário, dizia José. Nosso pai não tem dinheiro para pagar meus estudos.

E eu respondia:

- Vais conseguir sim, José. Ao menos tu. O Senhor Deus e Nossa Senhora sabem como tens vontade de ser padre. Eles vão dar um jeito de seguirem teu sonho. Já comigo é diferente. Tenho que ficar em casa para ajudar nossa mãe com nossos irmãos.

Éramos muito companheiros e nos entendíamos muito bem.

Meus pais eram muito religiosos, como o povo de minha terra. Meus irmãos e eu íamos sempre à igreja de nossa vila, aos domingos. Lembro que muitas vezes tivemos que enfrentar o frio do inverno, enquanto esperávamos que abrissem a porta da igreja.

Eu gostava muito de ir à missa, e desejava muitas vezes ficar lá na igreja por mais tempo.



Casa onde Assunta viveu seus primeiros anos



Assunta na infância auxiliava nos mais diversos serviços

4. Vocação religiosa

Desde pequena eu pensava em como seria bom ficar no convento com as Irmãs. Havia um Carmelo na nossa região, e tínhamos uma tia que era religiosa, Irmã Giuliana Lenci. Foi ela quem me ensinou a ler e escrever e também me preparou para a minha primeira Eucaristia.

Assim foi crescendo, dentro de mim, o desejo de ser religiosa, de me dedicar completamente ao serviço de Deus, desse Cristo, que eu encontrava sempre na Eucaristia. E eu rezava muito para que Deus me ajudasse a descobrir de que modo eu poderia fazer sua vontade.



Assunta, desde jovem, cultivava o desejo de ser religiosa

5. As dificuldades

Como eu estava dizendo, meu irmão José desejava ser padre, mas havia muitas dificuldades para vencer: era preciso estudar muito, o que era caro e nós éramos muito pobres. Além disso, tínhamos que trabalhar e ajudar nossos pais.

Para mim era ainda mais difícil. Na minha terra, era muito raro uma menina poder ir à escola. Eu tinha aprendido a ler e escrever com minha tia, mas tive que parar quando ela morreu, também porque tinha que ajudar minha mãe. Meu pai tinha aprovado meu desejo de ser religiosa, mas minha mãe me pediu:

- Espera um pouco, Assunta. Sabes que ainda preciso muito de tua ajuda nos cuidados com as crianças.

Concordei com o pedido de minha mãe. Senti muito, pois desejava ficar no silêncio e na paz de um convento. Mas eu tinha muito amor por meus irmãos e a minha mãe e não conseguiria abandoná-los.

Enquanto isso, eu entusiasmava meu irmão José, pois achava que ele tinha mais chance do que eu de realizar seu desejo de se consagrar ao serviço de Deus.

Então o Senhor veio em nosso auxílio: o Marquês de Mansi, dono do moinho e patrão de meu pai, sabendo da vocação de José, começou a ajudá-lo para que ele pudesse estudar. E José foi para o Seminário de Lucca, onde estudava e sonhava em ser missionário.

Enquanto isso, eu sonhava com o silêncio de um convento. Tínhamos sonhos diferentes, mas compartilhávamos o desejo de consagrar-nos a Deus.

6. O encontro com Dom João Batista Scalabrini

José foi ordenado sacerdote em 1892, quando tinha 23 anos. Ele queria ser missionário, levar a nossa fé para outros povos. Mas nosso bispo o nomeou para trabalhar como professor, aqui mesmo em nossa terra, no nosso seminário.

Porém José, no mesmo ano em que se tornou padre, encontrou Dom João Batista Scalabrini e ouviu-o contar como viviam os emigrantes italianos no exterior. Isso despertou nele, novamente, o desejo de ser missionário.

Em setembro de 1894, Padre José foi acompanhar, até o porto de Gênova, um dos grandes grupos de camponeses que se viam obrigados a emigrar - aqui em nossa terra não havia trabalho e passavam até fome.

Foi o suficiente para entusiasmar José. Deu um jeito de passar por Piacenza e pedir a Dom Scalabrini que o aceitasse como missionário “externo”. Essa era uma função que hoje nós chamaríamos de capelão

de bordo - acompanhar os migrantes no navio que os levaria ao Brasil. O bispo o atendeu e, em outubro, José partia para o Brasil como capelão do navio, para dar assistência aos emigrantes, durante a viagem.

Em dezembro do mesmo ano, Padre José fez uma segunda viagem. E aí aconteceu um fato decisivo - morreu uma jovem esposa, deixando uma criança de poucos meses. Seu corpo foi atirado ao mar, como sempre acontecia com os que morriam durante a travessia. O marido desesperado ameaçava atirar-se também ao mar, com a criança. Para acalmar este pai desconsolado, padre José comprometeu-se em assumir a criança. Assim, desembarcando no Rio de Janeiro, com o bebê nos braços, foi batendo de porta em porta, até conseguir deixar o orfãozinho junto a um porteiro de uma casa religiosa. Abrigo provisório, a quem ele prometeu: “Voltarei para buscá-lo”.

II

Início da missão scalabriniana feminina

1. Os planos de meu irmão

Meu irmão José voltou a Piacenza com um plano, que apresentou a Dom Scalabrini: criar no Brasil três hospedarias reservadas aos emigrantes italianos e um orfanato destinado aos filhos dos emigrantes. E também, a pedido do cônsul italiano em São Paulo, deveria atender aos doentes no Hospital Umberto I.

José já tinha começado a obra de seus sonhos. O bebê, que ele deixara naquela casa religiosa, prometendo voltar para buscá-lo, estava a chamá-lo.

Retornando ao Brasil, poucos dias depois de sua chegada a São Paulo, fala de seu projeto para Pe. Bigioni e para o conde José Vicente de Azevedo. Este põe à sua disposição um terreno que possui no bairro Ipiranga, juntamente com material para começar a construção, obra idealizada por Pe. José Marchetti. José recebe também a licença do bispo de São Paulo para que isto se concretize. E tudo isso aconteceu apenas quinze dias depois de sua chegada ao Brasil.

Por isso, o entusiasmo de José, que dizia: “Deus quer o Orfanato, vejo-o, sinto-o, conheço-o. *Deo Gratias!*”. Esse entusiasmo levou-o a iniciar imediatamente a obra. Os jornais começaram a falar dele, enaltecendo seu trabalho, por ter encontrado uma solução para tantas crianças abandonadas.

Tudo isso foi o que ele veio nos contar, quando chegou à nossa casa, entusiasmado, alegre com sua missão:

- “Só que eu estou sozinho. Preciso de Irmãs para cuidar dos doentes e dos órfãos. Por isso vim pedir a Dom Scalabrini que envie para São Paulo um grupo de Irmãs dedicadas para realizar essa função, tão necessária e importante”.

Dom Scalabrini aprovou os planos, mas não podia, de imediato, conseguir Irmãs que acompanhassem José e os migrantes a São Paulo. Mas José tinha pressa, pois dizia: - “As crianças estão esperando, não podemos demorar”.

No Brasil, José já havia iniciado a construção do Orfanato Cristóvão Colombo no terreno doado por Dr. Vicente de Azevedo. Agora tinha necessidade de pessoas que assumissem o cuidado dos órfãos. E antes que fosse concluído o prédio do orfanato do Ipiranga, Pe. José encaminhou a construção de um segundo orfanato, em Vila Prudente, em um terreno doado pela senhora Maria do Carmo Cypariza Rodrigues e pelos irmãos Falchi.

A construção de toda obra contou sempre com a providência de Deus, que suscitou a colaboração de muitas pessoas.

2. Um novo chamado

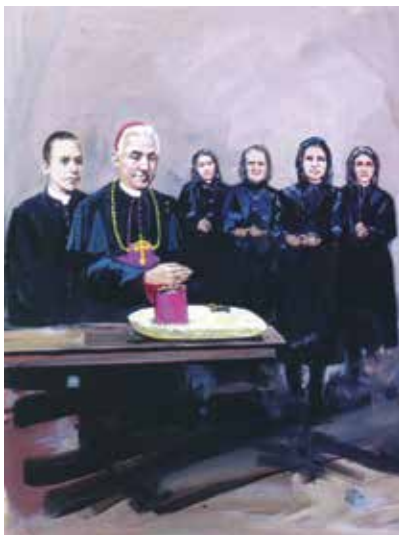
Quando Pe. José voltou à nossa casa, sabendo do meu desejo de consagrar-me a Deus, convidou-me para ser missionária entre os migrantes no Brasil. Na verdade, eu hesitei em atender ao seu pedido, porque ainda sonhava com a vida contemplativa. Então, José insistiu. Levou-me diante do quadro do Coração de Jesus e disse-me:

- “Lá no Brasil estou sozinho com muitos órfãos. Olhe para o Coração de Jesus, escute seus apelos e depois me responda.”

Sem saber o que fazer, coloquei-me diante da imagem do Coração de Jesus e, em profundo silêncio, permaneci um tempo em oração. Nesta oração, recebi a confirmação da vontade de Deus e aceitei o desafio. Eu disse “Sim” com todo o coração, mesmo sabendo que era para toda a vida. Assim, uni-me a mais duas jovens que estavam sendo preparadas por Pe. Marchetti, para a vida consagrada e missionária: Ângela Larini



Assunta reza diante do Sagrado Coração de Jesus.



Scalabrini abençoa os crucifixos e os entrega a cada uma e as envia ao Brasil.

e Maria Franceschini. Minha mãe, Carolina Marchetti, também se juntou a nós, formando assim o grupo pioneiro.

3. O grupo pioneiro

Antes de embarcarmos para o Brasil, precisávamos nos reunir com Dom João Batista Scalabrini e receber sua bênção. Foi em 25 de outubro de 1895 que chegamos em Piacenza, para o encontro com Dom Scalabrini. Dele recebemos incentivo e instruções. Ele deu ao nosso grupo o nome de Servas dos Órfãos e Abandonados no Exterior. Assegurou-nos que a missão que agora nascia, seria a providência e a salvação para aquele nosso povo que fora para terras tão distantes.

No mesmo dia, Scalabrini celebrou missa para nosso grupo, na capela episcopal de Piacenza, em cerimônia solene. Na celebração, minhas três companheiras e eu emitimos os votos de pobreza, castidade e obediência nas mãos de Dom Scalabrini, por enquanto temporários, devendo ser renovados e recebemos sua bênção.

Depois o bispo benzeu os cru-

cifixos, símbolo da missionariedade, e os colocou em nosso pescoço, enquanto dizia-nos: “Eis o vosso companheiro inseparável nas peregrinações apostólicas, o conforto, a força e a vossa salvação”.

Após fazermos uma refeição na casa episcopal do Bispo Dom Scalabrini, embarcamos no trem, rumo ao porto de Gênova, onde nos esperava o navio que nos levaria ao Brasil. Porém, antes de partirmos, Dom Scalabrini nos encorajou com as palavras: “Ide confiantes, filhas. Mandar-vos-ei depois outras Irmãs e vós retornareis para formar-vos e consolidar-vos no espírito religioso”. Assim nasceu nossa Congregação fundada por Dom João Batista Scalabrini.

4. A viagem

Na tarde de 27 de outubro de 1895, nosso grupo, juntamente com meu irmão José, embarcamos no *Fortunata Raggio*, no porto de Gênova. No mesmo navio ia um grupo numeroso de emigrantes. Já na viagem começamos nossa missão, partilhando com aquelas famílias as dificuldades e alimentando nelas a esperança de serem bem acolhidas.

Chegamos ao Rio de Janeiro em 17 de novembro, vinte dias após sairmos da Itália. Na chegada, Padre José Marchetti celebrou a missa e administrou a primeira Eucaristia a mais de oitenta crianças, as quais tínhamos preparado durante a viagem. Foi a primeira grande alegria que tivemos.

Partimos do Rio de Janeiro rumo a São Paulo e passados três dias chegamos a Santos, de onde, em seguida, rumamos para São



No Fortunata Raggio a caminho do Brasil

Paulo. Chegamos ao Ipiranga na tarde de 20 de novembro.

Na chegada, hospedamo-nos na casa de uma senhora italiana - Giorgia Paradisi, e logo depois fomos acolhidas, por dois dias, pelas Irmãs de São José, que eram as responsáveis pela Santa Casa de Misericórdia de São Paulo.

Dali fomos ao Ipiranga e ficamos numa antiga casa do Dr. José Vicente de Azevedo, o benfeitor que doara o terreno e os tijolos para a construção do Orfanato, enquanto as obras prosseguiam rapidamente. Passados vinte dias, já foi possível nos mudarmos para o Orfanato.

No dia 8 de dezembro, festa da Imaculada Conceição, o Orfanato Cristóvão Colombo foi inaugurado. A partir desta data, assumimos a direção do orfanato e o cuidado dos órfãos, que esperavam por nós e eram a razão de nosso longo peregrinar.

5. Orfanato Cristóvão Colombo: primeira experiência

Finalmente tínhamos chegado ao lugar de nossa missão; não havia tempo a perder e sem tardar iniciamos nossa tarefa. Também Pe. José não havia perdido tempo. Desde sua segunda viagem, vinha visitando, sem descanso, as fazendas que empregavam italianos e via quanto eram pobres e explorados. Na verdade, eram tratados, praticamente, como antes o eram os escravos. Muitos adoeciam e não recebiam qualquer tipo de tratamento. Muitos morriam e várias crianças ficavam sem pais e sem família.



*Orfanato Cristóvão Colombo
Ipiranga, São Paulo/SP*

De cada uma dessas visitas às fazendas, meu irmão trazia mais órfãos, crianças fracas, doentes, tristes, amedrontadas, em condições higiênicas péssimas, com feridas e parasitas. Trazia também muitos adultos que precisavam de cuidados médicos, que eram encaminhados ao Hospital Umberto I, outra obra da Igreja, que o bispo queria que José assumisse.

Já nos primeiros dias vimos o tamanho de nossa tarefa. E repito, não podíamos perder tempo. Tínhamos um grande número de órfãos; era necessário arranjar roupas e comida para todos e providenciar a sua educação. Minha mãe foi indicada como nossa superiora - a superiora das “Servas dos Órfãos e Abandonados no Exterior”. Quanto a mim, fui nomeada ecônoma da casa.

Ser responsável pela ordem e manutenção da casa era apenas uma parte da minha tarefa. Manter a ordem e ser eficiente era condição para podermos atender as nossas crianças. As nossas crianças! Sim, elas já eram nossas. O mais importante era acolher esses órfãos, amá-los, cuidar deles para que se recuperassem de suas perdas e sofrimentos, para talvez em um futuro próximo, reconstruir suas vidas, seus afetos familiares e adquirir uma profissão.



Orfanato Cristóvão Colombo - Vila Prudente, São Paulo/SP



Órfãs no Orfanato Cristóvão Colombo - Ipiranga, São Paulo/SP - Ano de 1899



Grupo de alunas quando a seção feminina ainda estava no prédio do Ipiranga - São Paulo/SP. Ano de 1901.

Para mim, era um prazer fazer pessoalmente essa acolhida. Que recompensa maior pode haver do que ver o medo se transformar em surpresa? E após um banho e uma refeição forte e gostosa, colocá-los na cama e ver os olhinhos assustados se fecharem num sono reparador? E no dia seguinte, vê-los acordar, agora já animados e brilhantes, tranquilos, em sua nova casa, entre novos companheiros e cuidados por nós? De fato, esses cuidados traziam, em si mesmo, a recompensa.

Quando acontecia de adoecerem, precisavam de mais cuidados à noite; então passei a dormir na enfermaria, para que não sentissem a falta das mães e da família, e para atender a seus chamados.

Quando faltava alguma coisa no Orfanato, reunia as crianças na capela para juntos pedir ajuda à Providência e, para nossa surpresa, antes que terminássemos a oração, tocava a campainha e era a doação do que estávamos precisando. Então voltávamos a rezar, agora para agradecer a Deus.

Sempre procurei exortar as Irmãs, os doentes, os abandonados, os órfãos a terem ânimo, confiança e esperança em Deus. Deus nos prova, mas não nos abandona. Estamos em suas mãos e tudo o que Ele faz é bem feito.

Tínhamos também de cuidar de nossa vida espiritual. Nosso orientador era o Pe. José que somava essa às outras funções que assumia. Se viajava, chegava sempre a tempo de celebrar, pela manhã, a missa para nossa comunidade. Ele foi a alma de nossa missão e a alegria de nossos órfãos por dois anos.

6. Padre José Marchetti

Meu irmão José idealizara aquela obra, o Orfanato, e a confiava sempre ao Pai celeste, de quem recebia ânimo e força. Em carta ao Dom Scalabrini, ele fala de seus projetos para a obra que apenas iniciou; quer combater a corrupção através dos Institutos, pela ação educativa dos órfãos, pela formação moral e profissional que lhes dará: “Entre as meninas teremos costureiras, professoras, que irão às colônias ensinar

e educar; dentre elas sairão também Irmãs missionárias, que assistirão os nossos enfermos. Entre os meninos sairão artistas, professores, missionários e leigos que irão assistir os colonos”.

José nos disse que havia em São Paulo perto de 800 mil italianos, muitos deles instalados nas 2.200 fazendas da região. Ele queria visitar a todas. Passava o dia entre as plantações para recolher esmola para os órfãos e dar assistência espiritual aos colonos.

Naqueles tempos, era perigoso andar nas estradas à noite, e José chegou a ser atacado uma vez por ladrões que falavam italiano. Mas ele levantou o crucifixo e disse: – “Esse dinheiro é para os nossos órfãos. Se tiverem coragem, roubem-no”. Os homens abaixaram as facas e ele seguiu seu caminho, rezando o terço pelos assaltantes.

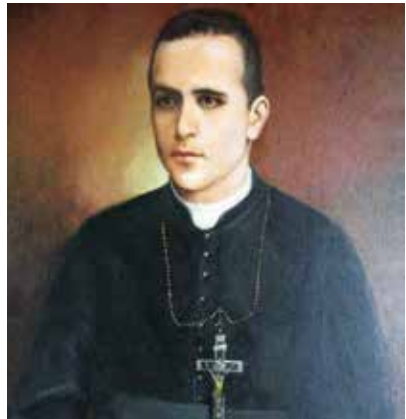
Meu irmão se tornou conhecido de todos na cidade. Os jornais o chamavam de “máquina portentosa de atividade” e as autoridades o apelidaram de “Padre Quero”, por causa de sua determinação.

Essas viagens todas acabaram por afetar a saúde de meu irmão; enfraquecido, para enfrentar o cansaço, precisou comprar um cavalo para continuar suas andanças pelas fazendas. Escreveu a Dom Scalabrini, pedindo-lhe que mandasse outro padre para ajudá-lo.

Pedira também que lhe enviasse os documentos relativos à nossa nova Congregação, recém-fundada. Pe. José continuava as suas missões nas fazendas.

No mês de novembro, voltou com dores e febre. Tinha se contagiado com a epidemia de tifo, que assolava a região. De fato, quando chegou ao Orfanato no Ipiranga, trazia nos braços um bebê de poucos meses, que tirara dos braços da mãe, já morta pelo tifo.

Para não contagiar as crianças, eu e todas as Irmãs tivemos



Meu irmão padre José

de manter-nos distantes do doente; não pudemos cuidar dele com o carinho que desejávamos e a dedicação que lhe devíamos.

Nós precisávamos continuar nas tarefas de cuidar dos órfãos e buscar donativos para o sustento da comunidade. Reuniamo-nos ao redor do altar, junto com as crianças, rezando e pedindo a Deus e a Nossa Senhora por ele.

No dia 14 de dezembro de 1896, meu irmão Pe. José, com apenas 27 anos, partia para o Céu. Entregou a Deus sua alma. Deixou-nos seu entusiasmo pela missão que assumira, sua força para resistir às dificuldades, seu exemplo de vida. Ele sempre recomendava: – “Nunca deixar de acolher nenhum órfão; o Senhor que tinha querido o Orfanato, pensaria como alimentá-los”.

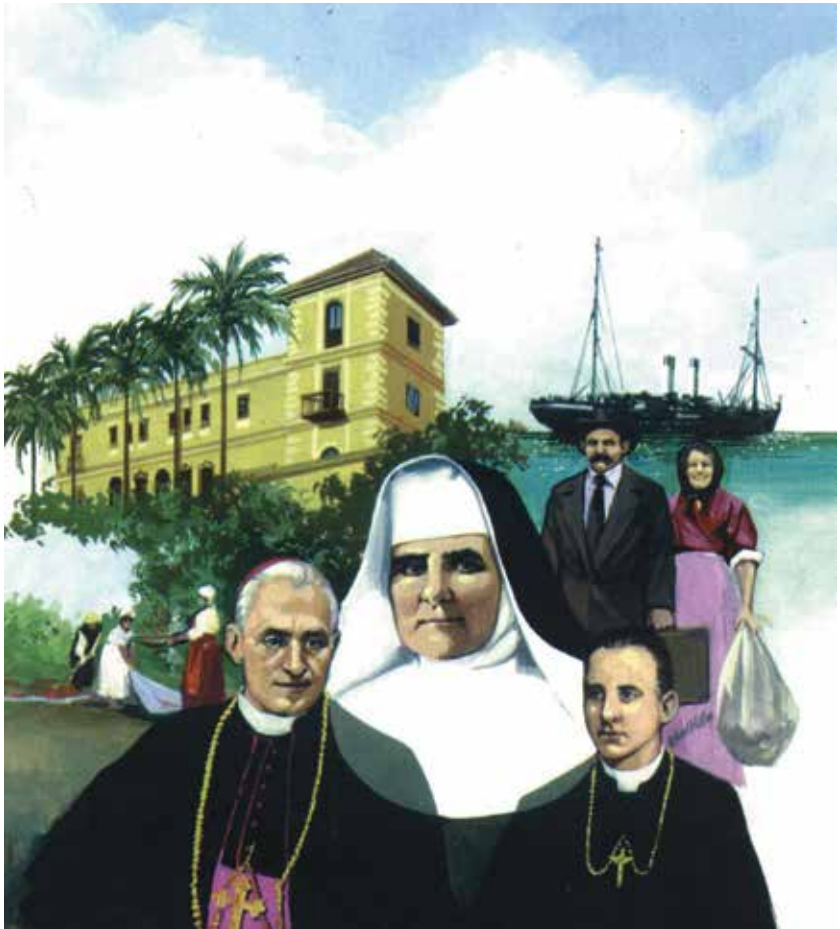
Embora eu estivesse cheia de dor, procurei consolar nossa mãe: – “Fique tranquila, Mamãe, nosso José está no paraíso”.

7. Um período de provações

A morte de meu irmão deixou-me sem o companheiro de infância, sem o confidente, sem o mestre. Mas eu tinha uma tarefa gigantesca, a missão sagrada de consagrar ao Senhor minhas forças, cuidando dos órfãos.

Mas as provações continuaram. Dois meses depois da morte de Pe. José, minha mãe precisou voltar a nossa terra Camaiore, na Itália, por causa de minhas irmãs menores. Assim, em dois meses, fiquei sem o irmão e sem a companhia da mãe, que somente retornou ao Brasil no final do ano de 1897.

A doença alcançara também as duas companheiras que tinham vindo conosco da Itália: Irmã Ângela Larini e Irmã Maria Franceschini. E tivemos mais dificuldades, porque tínhamos que confirmar definitivamente nossas Constituições como “Servas dos Órfãos e Abandonados”, pois Dom Scalabrini encarregara Pe. José para elaborá-las. Tudo isso também sofreu interrupção. Os próprios recursos do Orfanato



estavam em falta, e havia dívidas a pagar. Precisávamos retomar as tarefas de meu irmão.

Para isso, recebemos ajuda dos missionários Pe. Consoni e Pe. Pigatto, ambos enviados por Dom Scalabrini para auxiliar meu irmão José. E pouco a pouco fomos tocando a obra do Orfanato. Afinal, a vida tinha que continuar - nessa época tínhamos 180 crianças para cuidar e ajudar a crescer.

III

A vida como doação

1. Enfrentando as dificuldades

Outras numerosas dificuldades apresentaram-se nos anos seguintes: administração do Orfanato, a regularização jurídica do Instituto, a manutenção da comunidade das Irmãs.

O que fazer diante de tantas dificuldades? A capela foi o lugar privilegiado para a minha oração diurna e noturna. Nos espaços livres do trabalho ou no tempo de descanso, eu estava diante do sacrário. E alimentada pela oração, continuava meu trabalho com grande empenho, ânimo e muita alegria. Recebia de Deus luzes e orientação para seguir adiante.

Pe. Natale Pigato assumiu a direção do Orfanato nos dois meses que se seguiram à morte de meu irmão. Depois, Pe. Faustino Consoni, que foi enviado por Scalabrini, chegou ao Orfanato e enfrentou as dificuldades com coragem e firmeza. Ainda não sabíamos, mas Pe. Consoni se tornaria nosso amigo e conselheiro, nosso suporte espiritual por muitos anos.

Nas palavras de Pe. Consoni, “o caixa do Orfanato não possuía nada, a dispensa de alimentos estava quase vazia, o crédito quase totalmente abalado, órfãos para manter e quase todo o pessoal à espera de salário.”

Era preciso conseguir recursos para a alimentação de todos. Eu mesma recorri muitas vezes ao povo. Dentre as pessoas generosas que nos ajudaram, recordo um senhor em especial, que fiquei sabendo de-

pois, era protestante. Foi uma surpresa, mas vi que era a graça de Deus que se manifestava na sua grandeza.

2. O florescer de novas vocações

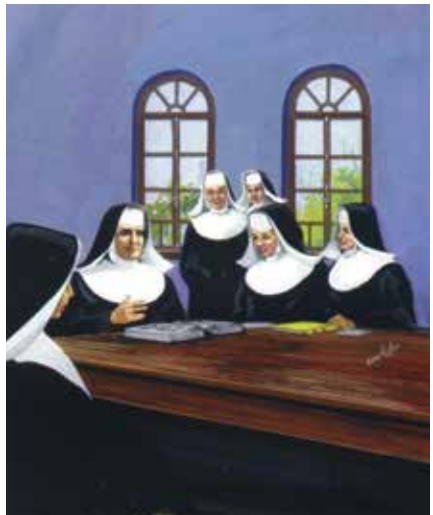
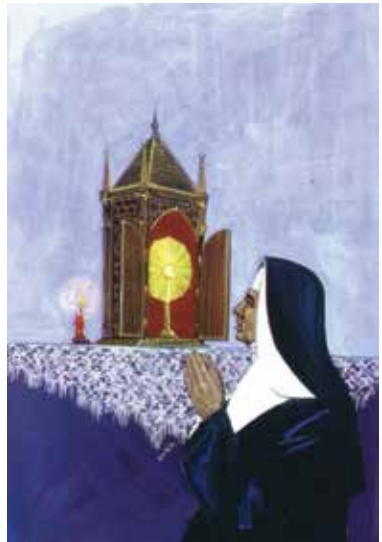
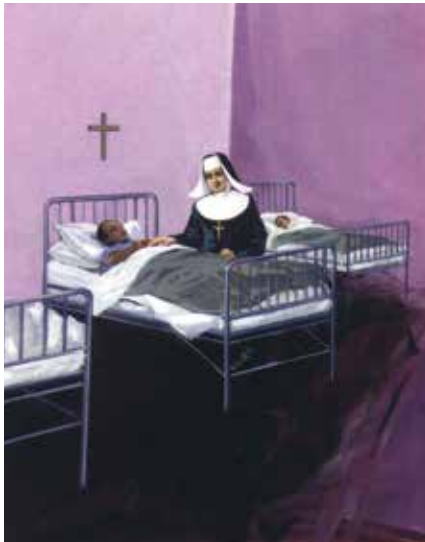
Várias candidatas à vida religiosa estavam chegando à nossa Congregação. Portanto era preciso definir as Normas Constitucionais, que deviam reger a nossa vida; Dom Scalabrini pedira a Pe. José Marchetti que escrevesse um esboço das mesmas, mas esta tarefa ficara interrompida com a sua morte.

Tivemos o apoio de Pe. Consoni que, com autorização do Bispo de São Paulo, admitiu várias jovens à Congregação. As Normas, elaboradas por meu irmão e renovadas depois pelo Padre Consoni, baseavam-se nas disposições de São Francisco de Sales, como era a vontade de Dom Scalabrini.

Recebemos o nome de Irmãs de Caridade da Congregação de São Carlos de Piacenza, isto é, Irmãs dedicadas ao serviço dos migrantes.



Assunta e as crianças.



Muitas vezes, me encontrava rezando diante do sacrário, planejando os rumos da Congregação com as irmãs, cozinhando, cuidando dos órfãos. Não desanimava, continuava trabalhando, evangelizando.

3. A dimensão missionária do carisma

Ao mesmo tempo em que continuávamos o cuidado de nossos órfãos e retomávamos a vida regular do Orfanato, continuávamos precisando de mais irmãs que assumissem conosco essa missão. Víamos o número de órfãos aumentando e ao mesmo tempo, sentíamos o desejo e a grande vontade de aumentar, avançar, dar “asas” à nossa missão de servas junto aos órfãos e migrantes no Brasil e no mundo.

Dom Scalabrini prometera a Pe. José de preparar um pequeno grupo para enviá-lo em nosso auxílio. Mas isso exigia tempo, de modo que só em 1900, passados três anos, escreveu ao Pe. Consoni anunciando que em setembro enviaria seis irmãs para se juntarem a nós: eram as Irmãs Apóstolas Missionárias do Sagrado Coração.

Estas irmãs assumiram a direção do Orfanato, liberando-nos de parte de nossas tarefas, para podermos nos dedicar à nossa formação religiosa. Iniciamos assim um período formativo, como se fosse um noviciado. Eu então, na condição de noviça, assumi o serviço da cozinha.

Ficamos trabalhando juntas por um tempo, mas surgiram contrariedades, o que todas nós consideramos algo muito grave: as novas irmãs queriam apoderar-se (ou apossar-se) do nosso grupo - as Irmãs de São Carlos - em sua Congregação e formar um só Instituto que levaria o nome de Apóstolas Missionárias do Sagrado Coração.

Claro que nós não concordamos. Perderíamos o nome e a identidade de que havíamos construído desde a fundação, bem como nossa história de trabalhos e sacrifícios. Em resumo, nossa Congregação deixaria de ser ela mesma.

Por isso, todas as que éramos Irmãs de São Carlos assinamos a carta que escrevi a Dom Scalabrini, falando-lhe de nossas inquietações e pedindo-lhe que interviesse, para impedir que isso acontecesse. Enquanto esperávamos ajuda de Dom Scalabrini, rezávamos e eu dizia às minhas companheiras: “coloquemo-nos nas mãos de Deus e façamos a sua vontade. Ele sabe o que é melhor para nós.”



São Paulo: *as primeiras religiosas scalabrinianas (da esquerda para a direita): Angelina Meneguzzi, Ângela Larini, Assunta Marchetti, Camila Dal Ri, Clarice Baraldi e Maria Franceschini*

4. Scalabrini chega ao Brasil: Ele vem, escuta e encoraja

Esperamos ajuda de Scalabrini até 1904 - quatro longos anos após a chegada das Apóstolas do Sagrado Coração, ele chegou ao Brasil, para visitar as missões.

Nas quatro semanas que passou em São Paulo, ele inaugurou a casa feminina do Orfanato em Vila Prudente, e conviveu conosco no Orfanato Cristóvão Colombo do Ipiranga.

Tivemos oportunidade de expor a Dom Scalabrini nossa situação, que por fim nos disse: “Minhas filhas, não tenhais receio. Sereis Missionárias de São Carlos.” Ele compreendeu que a fusão de dois Institutos seria impossível, pois os carismas eram diferentes.

Uma vez, no almoço, ao passar pelo Bispo, ele me falou baixinho: – “Fique tranquila, Assunta! Morrerás missionária de São Carlos.” Isso é claro, animou-me bastante.

Foi também num destes momentos que Scalabrini falou: – “A obra dos sacerdotes não seria completa sem a vossa obra, ó veneráveis Irmãs. Existem iniciativas nas quais somente vós podeis obter êxito. Deus infundiu no coração da mulher um atrativo todo particular, pela qual exerce um poder misterioso sobre as mentes e sobre os corações. Confio, portanto, que correspondereis à graça de Deus, que vos chamou a uma terra distante a uma sublime missão de religião e de civismo.”

De fato, Dom Scalabrini, ao regressar à Itália em 1905, decidiu pedir à Santa Sé a separação das duas Congregações. Mas infelizmente ele adoece e morre. A separação dos dois Institutos somente se completou em 1907, graças à intervenção de Dom Duarte Leopoldo e Silva, bispo de São Paulo. Significou o triunfo das justas reivindicações das Irmãs de São Carlos, mas não a imediata solução de todos os problemas que preocupavam a mim e a pequena família religiosa.



1904 - Scalabrini chega ao Brasil: Inauguração do Orfanato Cristóvão Colombo, Vila Prudente - São Paulo/SP

Ficaram definidas claramente as atribuições de cada uma das Congregações: as Irmãs de São Carlos cuidariam dos órfãos nos dois Orfanatos: no Ipiranga (sessão masculina) e em Vila Prudente (sessão feminina); as Irmãs do Sagrado Coração cuidariam dos enfermos no Hospital Humberto I.

5. Tempos de reorganização (1907-1924): Fui nomeada Superiora Geral (1912-1918)

Em 19 de dezembro de 1907, nós, Irmãs de São Carlos, que residíamos no Orfanato Cristóvão Colombo do Ipiranga, nos transferimos para o Orfanato Cristóvão Colombo de Vila Prudente.

Em primeiro de janeiro de 1912, após um período de preparação, professamos os votos perpétuos. Como religiosas consagradas, juramos publicamente sermos Irmãs Missionárias de São Carlos para sempre, por toda a nossa vida. Na ocasião, recebemos o anel com Jesus crucificado, símbolo de nossa entrega perene ao Senhor.

Fui então nomeada Superiora Geral, para o período de 1912-1918. Logo eu, que por muito tempo trabalhei na cozinha do Orfanato e era chamada “cozinheira dos órfãos”, e que gostava de ser assim chamada, voltei a ser Superiora Geral. São os caminhos do Senhor.

Procurei difundir a razão de ser da vida consagrada, promover o bem comum do Instituto, dentro do espírito das primeiras Constituições e animar o serviço da caridade que alimentávamos na relação profunda com Deus, através da oração, especialmente da celebração da Eucaristia e da escuta de sua Palavra.

Ensino de atividades domésticas no Orfanato sob a orientação das irmãs



Órfãs no Orfanato Cristóvão Colombo de Vila Pudente - São Paulo/SP. Ano de 1916-1917



Culinária



Corte, costura e bordados



Estudantes do Orfanato Cristóvão Colombo de Vila Prudente, São Paulo/SP



Lavanderia



Dormitório das órfãs

IV

Expansão da Congregação **Scalabriniana** **Feminina**

1. A Congregação Scalabriniana Feminina se Expande em São Paulo e no Rio Grande do Sul

Nossa vida prosseguia na doação através das tarefas diárias. Em Vila Prudente, onde ficava a casa das meninas, havia muita pobreza, sem água, sem luz. Parecia às vezes que iria faltar o pão. Eu dizia então: – “Irmã Clarice, vá com as crianças à capela e reze com elas. Certamente nosso Pai do Céu atenderá as nossas preces”. De fato, nunca aconteceu que o Senhor não respondesse através de algum benfeitor inesperado.

O Senhor sempre nos atendia nas nossas necessidades; e eu nunca deixava de rezar, dando graças por sua bondade; trazia o terço comigo, e ia rezando enquanto trabalhava. Sempre que tinha um momento livre, ou à noite, visitava a capela e ficava em oração diante do Santíssimo.

A paz trouxe progresso! Esse foi um tempo fértil e feliz. Com a graça de Deus e nosso trabalho, a Congregação foi se afirmando e se expandindo durante os anos em que estive no governo da Congregação.

2. O lado feminino da obra missionária em São Paulo

O movimento de expansão das Irmãs Missionárias Scalabrinianas foi tardio. Iniciou-se dezoito anos depois da fundação do Instituto. Até então, limitavam-se a cuidar dos Orfanatos - do Ipiranga e o de Vila Prudente/SP.

Sair do Orfanato e da cidade de São Paulo propriamente dita, com a abertura de três novas comunidades, era a confirmação de nosso sonho, pois marcou o primeiro passo da expansão missionária do Instituto. Na primeira comunidade, criada em 1913, inauguramos uma escola para meninas em São Bernardo do Campo. Essa missão produziu muitos frutos.

No mesmo ano, passamos a atuar também na Casa de Repouso para idosos de Itu/SP. Por pouco tempo, mas com igual importância, trabalhamos na Santa Casa de Misericórdia de São Luiz de Paraitinga, São Paulo. Foi também um ano fecundo em vocações, pois diversas jovens começaram sua formação à vida religiosa exatamente neste ano. A essas jovens uniram-se outras, em 1914.

3. A expansão no Rio Grande do Sul

Em 1915, fomos mais audaciosas, estabelecendo-nos com nossa primeira missão em Bento Gonçalves/RS, região de colonização italiana. Fomos convidadas pelo Pe. Enrico Poggi, missionário scalabriniano.

Nossa missão era dirigir uma escola - o Colégio São Carlos, logo transferido para outro prédio, recebendo o nome de Colégio Media-neira. Esta escola era destinada aos filhos dos numerosos colonos italianos que tinham chegado àquela terra fértil em fins do século XIX. Ali as cinco irmãs pioneiras - Irmãs Lucia Gorlin, Josefina Oricchio, Borromea Ferraresi, Joana de Camargo e Maria de Lourdes Martins -

se instalaram em uma antiga casa de madeira, muito simples. Viveram em meio a muitas privações nos primeiros tempos da nossa missão no Rio Grande do Sul.

Visitei a missão em Bento Gonçalves no ano seguinte, e as irmãs foram tão bem sucedidas em sua missão que, passado apenas um ano, chegaram cinco candidatas à vida religiosa. Eu mesma as acompanhei rumo a nossa casa de Formação em Vila Prudente/SP.

Na passagem por Porto Alegre, visitando o arcebispo Dom João Becker, recebemos dele a sugestão de instalar uma casa de Formação, um noviciado, e também abrir outras casas aqui no Rio Grande do Sul. Fiquei animada com estas palavras e pelo aumento das vocações.

No início de 1917, nesta região de muitos imigrantes italianos, conseguimos abrir mais duas escolas: o Colégio Nossa Senhora de Lourdes, em Nova Vicenza, (hoje município de Farroupilha) e outra em Guaporé: o Colégio Scalabrini.

No ano seguinte, em 1918, encerrei meu mandato de Superiora Geral. Considerei um sexênio fecundo em frutos, sobretudo no que se refere à reestruturação do Instituto, aumento de vocações e expansão da Congregação. Consegui também a personalidade jurídica da Congregação.

Ainda em 1918, quem assumiu como superiora geral foi Ir. Antonietta Fontana, e eu fui transferida para Bento Gonçalves, para ser superiora do Colégio São Carlos. Mas, um ano depois, no dia 11 de março de 1919, fui enviada para Nova Bréscia, onde fundamos uma nova escola, Colégio Sagrado Coração de Jesus. Era um lugar de difícil acesso, com apenas 60 famílias, um lugar retirado, onde ninguém queria ir. Mas eu respondi ao pedido do pároco local, Pe. Giovanni Morelli, que nos convidara. Disse-lhe: – “Nosso lema é fazer a vontade de Deus.” E fui acompanhada por duas Irmãs: Ir. Atilia Angeli e Ir. Justina de Camargo.

Nesta nova missão, em Nova Bréscia, organizamos o ensino, a catequese, visitas às famílias, teatro na escola, muito integradas com aquela comunidade de imigrantes. Não havia médico. Tive que tratar muitas pessoas com problemas de saúde, ferimentos, infecções, casos de urgência; também assisti muitos partos. Alguns dos casos eram até muito graves. A senhora Paula Macagnam ia sempre comigo, foi minha companheira inseparável.

Por diversos motivos e necessidades, em fevereiro de 1921, fui transferida para Nova Vicenza, hoje Farroupilha. Senti muito deixar aquela comunidade que começava a se desenvolver.

4. De volta a São Paulo

Passados oito meses, fui chamada a São Paulo, para cuidar de minha mãe, que estava muito doente. Ela acabou por se recuperar, mas nunca mais voltei ao Rio Grande do Sul. Também porque minha saúde não me permitia longas caminhadas e cavalgadas nas missões do Sul.

Em 1923 fui enviada como superiora em uma Casa de Repouso em Jundiá. No ano seguinte, em 1924, fui transferida para Monte Alto/SP, localidade distante aproximadamente 450 km de São Paulo, para abrir um hospital - a Santa Casa de Misericórdia.

Este hospital era destinado aos mais pobres da região, lá assumi na qualidade de superiora. Ali também cuidava dos doentes, principalmente à noite, quando dormia na enfermaria.

Estava convicta das palavras de Jesus: *“Em verdade vos digo, cada vez que fizestes isto a um só destes meus irmãos a mim o fizestes”* (Mt 25,40). Tenho certeza que Deus considera feito a Ele aquilo que se faz aos pobres. Sem sacrifício não se pode fazer o bem ao próximo.

Neste ano atendemos muitos soldados, feridos na Revolução Paulista de 1924. Foi ao cuidar de um deles que lesionei gravemente uma perna, justamente aquela que tinha erisipela. A ferida nunca mais cicatrizou. Mas isso não me impediu de continuar a cumprir minhas funções.

5. Luzes e sombras no horizonte (1924-1927)

Desde sua fundação, a 25 de outubro de 1895, até o reconhecimento como Instituto de Direito Pontifício, por decreto de Pio XI, de 13 de

janeiro de 1934, a Congregação teve suas luzes e sombras.

De 1924 a 1927, a nova Superiora Geral propôs modificar a Congregação, mudar as Constituições e o nome, em detrimento do carisma inicial, obtendo inclusive, a aprovação do Bispo de São Paulo, o mesmo que antes sempre nos apoiara.

As Irmãs do Rio Grande do Sul apelaram a Roma, pedindo a graça de poder manter o nome que fora dado à Congregação por seu fundador e serem colocadas sob a jurisdição do arcebispo de Porto Alegre, a fim de manter o seu carisma inicial. Durante este período, no desenrolar desses obscuros acontecimentos, eu procurei manter-me afastada do problema. Roma nomeou um visitador apostólico, Dom Egídio Lari, para acompanhar a questão e executar as decisões da Santa Sé. A esse visitador eu disse: – “Coloco minha confiança completamente em Deus e na Igreja.”

As decisões de Roma eram a favor do desejo de nossas Irmãs: não mudar o nome nem a finalidade da Congregação e sim formar duas províncias: uma em São Paulo e outra no Rio Grande do Sul. A Congregação deveria passar à jurisdição da Santa Sé, tornando-se de Direito Pontifício; convocar o Capítulo e eleger a nova Superiora Geral.

Dom Egídio Lari reuniu o Capítulo e procedeu à eleição da Superiora Geral. A situação se prolongou até 1927, quando finalmente foi proclamado o resultado da eleição: eu, Assunta, recebi 30 votos do total de 51. Após rezar e refletir durante alguns dias, aceitei assumir novamente, a responsabilidade de Superiora Geral.

No dia 29 de julho desse mesmo ano de 1927, respondi a Dom Egídio Lari: – “Confiando no Senhor e recebendo mesmo de suas mãos este chamado, humildemente aceito”.

Em carta ao visitador Apostólico, solicitávamos a permissão para fixar a Sede Geral do Instituto no Orfanato Cristóvão Colombo em Vila Prudente/SP. Foi-nos concedida a licença. Senti muita alegria por ver resolvidos os problemas de nossa Congregação. Entretanto, esta alegria veio acompanhada da tristeza pela morte de minha mãe, em São Paulo, em 22 de fevereiro desse mesmo ano, 1927. Momento triste, embora me consolasse a certeza de que Deus a acolhera em seu coração.

6. Segundo período como Superiora Geral (1927-1935)

Nesse segundo período como Superiora Geral, passadas as turbulências, escolhi três palavras-chave como guia de vida: União, Obediência e Caridade.

Enviei às Irmãs uma carta na qual eu lhe dizia: “Deus se serve dos instrumentos menos aptos para suas obras. Toda minha confiança deposito-a no seu dulcíssimo coração. Por Ele e Nele eis-me neste delicado comando... Nesta minha aceitação sorri-me uma grande esperança: a cooperação leal, pronta e generosa de todas as minhas boas coirmãs e, sobretudo, das Superiores de cada casa... Estamos salvas por milagre e, neste duro perigo, o bom Deus nos deu um sinal visível de sua admirável proteção... Agora, trata-se de retomar o nosso caminho, ... recomeçar uma vida nova.

Conto muito, queridas irmãs, com sua prudência, bondade e caridade e me congratulo com sua firmeza e espírito de serviço. Trabalhe-mos todas, para a glória do Senhor, para a nossa santificação e para o verdadeiro bem de nossos irmãos e da nossa Congregação.

O bom Deus nos abençoe! Vossa humilde serva em Jesus Cristo.

7. Estabilidade e expansão missionária

Com esse espírito, a Congregação se reanimou e registrou o início de numerosas obras, que foram brotando da vivência do carisma missionário das Irmãs. No ano de 1927, foi aberto o noviciado de Aparecida do Norte/SP. Em 1929 foi inaugurado o noviciado de Bento Gonçalves/RS, numa terra rica de vocações.

Já um ano antes, em 1928, Dom Egídio Lari enviara a Roma um relatório sobre a Congregação, onde constava que em São Paulo havia 7 casas, 32 irmãs, 2 noviças e 7 postulantes; e no Rio Grande do Sul havia 6 casas, 28 irmãs, 4 noviças e 16 postulantes.

O relato de Dom Lari produziu seus frutos. Em 1934, recebemos a aprovação da Santa Sé como Congregação de Direito Pontifício e o decreto de reconhecimento das Constituições, aprovadas pelo Papa Pio XI.

Ficamos exultantes de alegria. Recebermos a recompensa de nossa dedicação e do nosso amor aos pequenos órfãos e a todos aqueles a quem dedicávamos nossa missão. Outros elementos também revelavam melhorias. Todas as dívidas foram pagas e reorganizamos a administração.

Quando deixei o Governo Geral, a sementeira dava seus melhores frutos - hospitais, colégios, asilos, pensionato e noviciados. Posso citar alguns:

- Hospital Bartolomeu Tacchini, em Bento Gonçalves/RS.
- Noviciado São Carlos, em Bento Gonçalves/RS.
- Colégio Santa Teresinha, em Anta Gorda/RS.
- Asilo São Vicente, em Jaboticabal/SP.
- Colégio São José e Hospital São Camilo, em Roca Sales/RS.
- Colégio Pio X, em Muçum/RS.
- Pensionato São João Bosco, em Caxias do Sul/RS.

E as irmãs professoras chegaram a 114. As irmãs missionárias de São Carlos que então atuavam na Província do Sul, mantinham contato, quase exclusivo, com imigrantes e seus descendentes, necessitados de instrução, de educação, de saúde, de catequese.

V

“Gostaria de voltar entre os órfãos”

1. A missão fecunda em Mirassol/SP (1935-1947)

Em 1935 encerrou-se meu período de Superiora Geral, ao mesmo tempo em que eu via se consolidar a missão que assumira desde que aqui cheguei, convidada por meu irmão José e em companhia de minha mãe Carolina e das irmãs Angela Larini e Maria Franceschini.

Foram quarenta anos desde a nossa chegada. Foi um longo caminho, cheio de dificuldades, vencidas sempre pela fé e pela confiança na graça de Deus. Estamos certas de que nossa Congregação é obra de Deus. Agora, eu poderia novamente descansar das lutas e me entregar em paz ao objetivo de minha vida - o cuidado dos órfãos e abandonados, dos pobres e necessitados.

Alguns acreditavam que agora eu iria para Vila Prudente, junto aos meus queridos órfãos. Mas o bispo de Rio Preto havia pedido que nossas Irmãs assumissem a direção da nova casa, fundada recentemente em Mirassol, interior de São Paulo - era a Santa Casa de Misericórdia, destinada a acolher os doentes pobres da localidade, os andarilhos, os sem morada fixa. Fui escolhida para a direção desta casa e aceitei.

No dia 30 de junho de 1935 chegamos a Mirassol, já ao anoitecer, eu e mais três irmãs: Irmã Afonsina Salvador, Irmã Regina Ceschin e Irmã Catarina Viana. Fomos recebidas com grande alegria e muita

feita pela população, que nos acompanhou até a igreja, onde foi cantado um solene *Te Deum*. Recebemos a bênção com o Santíssimo Sacramento e dirigimo-nos à Santa Casa.

Fiquei 12 anos em Mirassol. É verdade que não tivemos muito tempo para contemplar aqueles belos campos porque, como em todo o lugar, havia muito que fazer pelos pobres e pelos doentes. Muito dentro e muito também fora da Santa Casa. Devia também cuidar de minha perna, vinha piorando: falta de circulação e dores na antiga lesão.

Eu já tinha os meus 65 anos, mas ainda podia fazer muita coisa. Seguiu minha rotina de sempre: levantava às 4 horas da madrugada; depois do banho frio mas revigorante, fazia a ronda pelos corredores, orando com os doentes e preparava o café para as Irmãs. Depois, participava da Missa e assim estava pronta para a assistência aos doentes.

Sempre que podia, visitava as famílias pobres, vizinhas da Santa Casa, levando carinho, atenção, remédios e roupas. Na Casa havia ainda a horta para cuidar, a costura, a coleta de doações - não esquecendo que vivíamos da caridade.

Minha estada em Mirassol foi um tempo de missão fecunda e gratificante, mas em virtude do delicado estado de minha perna e saúde fragilizada, precisei voltar a Vila Prudente, São Paulo, para fins de tratamento.

Isto é um pouco do muito que poderia falar sobre nossos primeiros anos de Vida Consagrada ao Senhor, a serviço dos órfãos e migrantes.



“Gostaria de voltar junto aos órfãos.”

VI

O anjo da caridade encerra sua peregrinação na Terra

Não podendo mais trabalhar, Assunta entrega-se à oração, outra forma de realizar sua vocação de servir.

Os últimos dias de Madre Assunta marcaram o momento mais re-luzente daquele astro que se apagava. Nunca um lamento, uma expressão de abatimento, uma impaciência.

Obrigada a ficar na cama por causa da gangrena que lhe paralisava as pernas, era edificante seu sorriso, que convocava à esperança. Ela mesma esperava, de fato, ficar curada e continuar a sua missão.

Poucos dias antes de sua morte, começou uma novena de terços, a pedido da Superiora, para que a Congregação vencesse sérias dificuldades do momento.

Essa novena, ela não a terminou. O sétimo dia da novena - 30 de junho - foi o último de sua vida. Seu estado de saúde se agravou na madrugada de primeiro de julho de 1948. Recebeu a unção dos enfermos e a Eucaristia das mãos do Padre Marcos Simoni.

Madre Assunta morreu às 15h15min, sexta-feira, festa do Preciosíssimo Sangue, com quase 77 anos, dos quais os últimos 53 passados no Brasil, sempre semeando o bem. Sua morte foi igual à sua vida: simples, humilde, serena, no meio de suas orfãzinhas, suas coirmãs e migrantes.

Quase sinal de festa! O sino do Orfanato logo depois da morte da Mãe dos órfãos começou a tocar, sem que alguém o tivesse acionado e as órfãs gritaram: “Morreu Madre Assunta!”

Uma Irmã presente nesse momento, Irmã Clarice Beraldini (a primeira órfã acolhida pelo Padre Marchetti), disse chorando: “Hoje, nesta casa, morreu a caridade.”

Sua morte deixou um vazio no Orfanato, na Congregação e na Sociedade. Muitas pessoas diziam: “Esta Madre foi uma santa, foi de uma bondade extraordinária.”

A morte de Madre Assunta deixou uma grande paz e serenidade em todos os presentes.

As irmãs que conviviam com ela e a cuidavam, testemunham a coragem de Assunta diante da doença, a humildade com que aceitava o tratamento, sua paciência e, especialmente, sua piedade; rezava continuamente e repetia sempre aos que lhe falavam “se Deus quer, que assim seja.”

Quando, em 1947, Madre Assunta precisou ser internada em São Paulo, saiu de Mirassol, dizendo ao diretor: “Sr. Brandão, vou para casa”. Parecia saber que não voltaria. Ali, como não podia mais caminhar, foi colocada em uma cadeira de rodas, e assim passou os últimos meses de sua vida. Assistida pelas Irmãs, nada pedia e agradecia os cuidados que lhe dispensavam. Acompanhava todas as atividades da comunidade e as orações na capela em sua cadeira de rodas.

VII

A voz das testemunhas

1. O grande distintivo: a caridade

A vida de Assunta foi um testemunho de como seguia a Palavra de Deus, pois toda ela era caridade, fé e confiança em Deus. Percebe-se, em toda a sua vida, o quanto a Palavra estava em seu interior, transmitindo mensagens contínuas, que seu coração amoroso e contemplativo recebia do seu “Esposo Celeste” como gostava de chamá-lo. Era agradecida por poder confiar que na vida cotidiana está o mundo do divino. Assim se explica a capacidade de ver sempre a mão de Deus nos acontecimentos.

Também rezava muitas vezes a Via Sacra, prostrando-se a cada estação enquanto meditava nos sofrimentos do Senhor Jesus.

Tinha uma especial devoção ao Santíssimo Sacramento, diante do qual fazia frequentes vigílias. A Eucaristia foi o alimento de sua vida e a força de sua extraordinária atividade.

Madre Assunta teve uma profunda devoção ao Sagrado Coração de Jesus. O Sagrado Coração alimentou constantemente a sua fé. Buscava identificar-se com Ele na misericórdia e na bondade.

Manifestava grande devoção a Maria Santíssima. Recitava o rosário e as ladainhas todos os dias. Todos os que a conheceram testemunham que trazia sempre o rosário, entre as mãos, fazia dele sua oração preferida.

Madre Assunta não tinha formação teológica, mas possuía em grau

elevado o dom da Sabedoria, da Fortaleza e do Temor de Deus. Deses dons provinha a sua segurança, o equilíbrio entre a vida ativa e a contemplativa. Nunca se mostrou irritada ou contrariada quando a interrompiam durante a oração, chamando-a para atender alguém. Seu dever principal era a caridade. Atendia com ternura e solicitude a todos os que dela se aproximavam.

2. Força constante no sofrimento

O tempo ia passando. Chegara a Mirassol com 65 anos e nos 12 anos que se seguiram sua saúde oscilava. Mas ela falava do assunto sempre com naturalidade, como se fosse um incômodo leve, isso se pode ver das cartas que enviava a seus familiares:

“Quanto a mim, estejam seguros de que estou bem, exceto o pequeno problema na perna” (1937);

“Eu estou bem; a perna vai como sempre; agora estamos com muitos doentes e assim podemos trabalhar para a glória de Deus e fazer um pouco de bem por esses pobrezinhos” (1940);

“Eu estou bem, não estive doente; só o aborrecimento com a perna. Como você sabe, de vez em quando dá a erisipela, mas por isso estou sempre me cuidando. Quanto a isso, fique feliz, porque não me falta nada. Deus assim o quer, e que assim seja” (1945).

3. Madre Assunta, a religiosa das muitas virtudes

A modéstia de Madre Assunta não permitia que ela falasse muito de si mesma. Porém pessoas que a conheceram e com ela conviveram, expressam a estima e admiração pelo exemplo e heroicidade das virtudes desta humilde e grande alma.

- Os médicos e os auxiliares das Santas Casas de Misericórdia de

Mirassol e de Monte Alto/SP eram todos unânimes em exaltar a virtude e a doação constatadas em Madre Assunta.

- Uma senhora de Mirassol, que conheceu Madre Assunta, relata: “Aceitava a doença com paciência e serenidade. Não exigia nada de especial para si.”

- Os alunos do Orfanato diziam que Madre Assunta era uma santa e que foi para eles “uma verdadeira mãe”.

- Uma ex-aluna do Orfanato lembra que, no relacionamento com as órfãs, Madre Assunta era muito afetuosa. Nunca elevava a voz, tinha muita paciência. A qualquer hora do dia ou da noite tinha sempre uma bebida quente ou um doce para agradá-las.

- Dom Vicente Marchetti Zioni, sobrinho, referindo-se a Madre Assunta, disse: “Soube unir firmeza à mansidão e à doçura total. Foi apóstola da caridade” (órfãos, doentes, idosos); “alívio dos doentes” (enfermeira prática e de singular dedicação); “religiosa exemplar”.

- Várias Irmãs expressam: “Em vida Madre Assunta já gozava de fama de santidade. Com referência a casos difíceis, era frequente ouvir esta expressão: “Só Madre Assunta pode fazer isto.” E as primeiras vocações foram, sem dúvida, suscitadas por seu exemplo.”

- Uma Irmã afirmou: “Nunca percebi hipocrisia, vanglória, ingratidão, busca de prestígio nas atitudes de Madre Assunta. Atribuía todo o bem realizado somente à bondade divina.”

- Alexandre Antônio Marchetti Zioni, médico e sobrinho. “A minha admiração pela tia Assunta crescia na medida em que fui conhecendo as suas virtudes, o seu incansável trabalho cotidiano em favor das órfãs, dos doentes, dos pobres, dos sofredores e o modo sereno e humilde de como cuidava deles[...].”

- Uma outra Irmã transferida à Nova Bréscia em 1944, 25 anos após a presença de Madre Assunta naquele local, testemunhou: “enriqueceu-me o coração e a mente os tantos fatos importantes que ouvi sobre Madre Assunta. Por exemplo: ao visitar as famílias ouvia seguido falar de Madre Assunta. Falavam dela os filhos dos que a haviam conhecido[...].”

Diziam que naquele lugar ela era “tudo”. Sempre disponível a res-

ponder às necessidades do povo, a qualquer hora do dia e da noite. Madre Assunta tinha uma vida espiritual muito profunda e as curas que realizava não eram resultado de curas médicas, mas de suas orações e de sua participação à Vida Divina. Era muito devota de Nossa Senhora e gostava de difundir esta devoção. Ensinava rezar o rosário e a contemplar os mistérios. Ensinava também a doutrina cristã. Todos diziam que a irmã Assunta tinha o dom de curar as doenças. Sua oração operava coisas admiráveis. Era uma Irmã heróica.

- “Como colega religiosa eu admirava as suas virtudes, mas também leigos não católicos, médicos e funcionários viam em Madre Assunta uma religiosa virtuosa, serviçal, humilde, simples, pobre.”

- Seu amor aos mais pobres desafiava até os preconceitos. Uma vez aceitou como empregado um casal espanhol não casado e, quando a interpelaram por isso, respondeu com firmeza: “São esses os que mais precisam de nossa atenção.” É preciso lembrar que, na época a que nos referimos, havia muitos preconceitos - filhos naturais, pessoas com outras crenças, mulheres, pobres, estrangeiros. Madre Assunta não se deixava influenciar por essa falta de caridade e pelas críticas.

- Em Nova Bréscia, Madre Assunta praticou acima de tudo a virtude da paciência, da caridade e viveu de modo especial, unida a Deus. Doou-se sem reservas, sobretudo em relação aos doentes, aos pobres, às crianças, e ainda hoje é recordada pela sua caridade.

- Na cidade, até hoje continua sendo lembrada e venerada: em 2007, a Rua 15 de Novembro passou a ser denominada Rua Madre Assunta Marchetti, uma lembrança em honra à Serva de Deus que doou muito de si àquele lugar.

- Irmã Teresinha Zambiasi, mscs, conta que ouviu de seus pais, testemunhas oculares, que para se sustentarem, as Irmãs Scalabrinianas Madre Assunta, com as companheiras Irmã Justina e Irmã Atilia plantavam e colhiam num terreno cedido por Antônio Zambiasi, seu pai. Lembra que chamava a atenção o fato de que enquanto duas irmãs trabalhavam, uma permanecia em pé rezando o terço, e assim revezavam-se.



Palavras finais

Ao encerrar este breve opúsculo que nos desvela algumas facetas desta humilde e grande mulher, podemos afirmar que Madre Assunta viveu, sem sombra de dúvida, como a mulher virtuosa que é descrita no livro dos Provérbios, 31:

“Uma mulher virtuosa, quem poderá encontrá-la?

Superior é o seu valor ao das pérolas.

*Ela procura lã e linho
e trabalha com a mão alegre.*

*Levanta-se ainda noite,
distribui a comida em casa.*

*Cinge os rins de fortaleza,
fortalece seus braços.*

*Estende os braços ao infeliz
e abre a mão ao indigente.*

*Abre a boca com sabedoria
e sua boca ensina com bondade.*

*Vigia o andamento de sua casa
e não come o pão da ociosidade.*

*A mulher que teme o Senhor
é a que se deve louvar.*

*Dai-lhe o fruto de suas mãos
e que suas obras a louvem nas portas da cidade”.*

A **semeadura de Madre Assunta** nos anos de seu governo na Congregação continua viva, exuberante nos dias de hoje.

Veja algumas de suas primeiras fundações no Rio Grande do Sul/Brasil no século XX:

**Colégio
Scalabriniano
Nossa Senhora
Medianeira,
fundado em
1915
Bento
Gonçalves/RS**



**Colégio
Scalabrini,
fundado
em 1917 -
Guaporé/RS**





Colégio Nossa Senhora de Lourdes, fundado em 1917 - Farroupilha/RS



Colégio Sagrado Coração de Jesus, fundado em 1919 - Nova Bréscia, RS

Cronologia

1871 - A 15 de agosto, nasce Assunta, em Lombrici de Camaioire (Lucca), terceira dos onze filhos de Ângelo e Carolina Ghilarducci. No dia seguinte, recebe o batismo e o nome de Maria Assunta Caterina Marchetti.

1880 - A família se muda para o moinho de Camaioire.

1883 - Recebe a Primeira Eucaristia.

1893 - Morre seu pai, aos 47 anos, de pneumonia.

1895 - Morre Irmã Giuliana Lenci, irmã de sua avó, que foi sua catequista e única professora. No mesmo ano, embarca no porto de Gênova rumo ao Brasil, em companhia do irmão, Pe. Marchetti. Com ela viajam a mãe, Carolina e mais duas jovens vocacionadas, para se encarregar dos órfãos dos imigrantes italianos. Diante do Fundador João Batista Scalabrini, emite com as companheiras, os primeiros votos religiosos, por seis meses. Em 8 de dezembro, é inaugurado o Orfanato iniciado por Pe. Marchetti.

1896 - Em 14 de dezembro morre Pe. José Marchetti.

1897 - A mãe, Carolina, deixa a vida religiosa e volta para a Itália, para cuidar dos filhos menores. Mais tarde, retornará ao Brasil. Em outubro, Assunta faz os votos perpétuos, em caráter privado.

1899 - Morre Ir. Ângela Larini, uma de suas companheiras, que veio com elas da Itália, vítima de tuberculose.

1900 - Chegam a São Paulo as Irmãs do Sagrado Coração, cuja Congregação as Irmãs de São Carlos deveriam se agregar. Assunta volta a ser noviça e cozinheira. Descobrimo que a identidade do instituto está em perigo, Assunta escreve a Dom Scalabrini e pede sua intervenção a favor das Irmãs de São Carlos.

1901 - Outra companheira de primeira hora, Ir. Maria Franceschini morre de tuberculose.

1904 - Encontra-se com Dom Scalabrini, que veio em visita a seus missionários e se hospedou no Orfanato Cristóvão Colombo. Presume-se que trate com ele das relações de sua Congregação com as irmãs Apóstolas do Sagrado Coração.

1907 - As Irmãs de São Carlos se separam definitivamente das Apóstolas do Sagrado Coração e se instalam no Orfanato Cristóvão Colombo, de Vila Prudente.

1912 - Faz profissão pública dos votos perpétuos. É nomeada Superiora Geral da Congregação.

1914 - As novas Constituições da Congregação são aprovadas pelo arcebispo de São Paulo.

1915 - Instala-se a missão em Bento Gonçalves, Rio Grande do Sul.

1918 - É transferida para Bento Gonçalves como superiora local.

1919 - Vai para Nova Bréscia, como fundadora e superiora.

1921 - Transferida para Nova Vicenza (Farroupilha).

1922 - Volta para São Paulo, para assistir sua mãe doente. Vai para Jundiá, como superiora do Asilo Barão do Rio Branco.

1927 - Morre sua mãe. É novamente nomeada superiora, por seis anos.

1934 - O Papa Pio XI aprova as Constituições da Congregação das Irmãs Missionárias de São Carlos Borromeo. Irmã Assunta as recebe em 28 de agosto.

1935 - Encerra seu período de Superiora Geral. É enviada a Mirassol/SP, como Superiora, na Santa Casa de Misericórdia, onde se dedica aos doentes por 12 anos.

1945 - Jubileu de ouro de Madre Assunta e da Fundação da Congregação.

1947 - É internada no hospital Umberto I para tratamento; sofre há longo tempo de erisipela e varizes nas pernas.

1948 - Morre, em 01 de julho, no Orfanato Cristóvão Colombo, em Vila Prudente, São Paulo, às 15h15min, assistida por dois sacerdotes, entre seus familiares e suas órfãs e sob os cuidados de suas Irmãs da Congregação.

1952 - Em 14 de dezembro, inicia-se em Caxias do Sul a divulgação de uma “pequena imagem” com a fotografia de Madre Assunta e uma oração para obter sua beatificação.

1970 - No mês de agosto, ocorre exumação dos restos mortais de Madre Assunta e Pe. Marchetti para conservação em outro túmulo e lugar.

1986 - Em setembro, inicia-se a difusão do boletim Informativo, publicado pela Postulação, em Roma/Itália (www.scalabriniane.org), para divulgar a vida e obra da Serva de Deus.

12/06/1987- Abertura do Processo de Beatificação na Arquidiocese de São Paulo, Brasil.

21/07/1991-Translado dos seus restos mortais para um nicho próprio na capela do Orfanato, em Vila Prudente, São Paulo.

1991 - Encerramento do Processo Diocesano.

1993 - Em 17 de dezembro é publicado o Decreto de validade do Processo Diocesano.

17/09/2010 - O congresso dos teólogos das Causas dos Santos, após longos estudos sobre a vida de Madre Assunta, conforme testemunhas que a conheceram, aprovam suas virtudes heroicas.

19/12/2011- O Papa Bento XVI promulga o Decreto de reconhecimento das virtudes Heroicas e confere-lhe o título de Venerável.

14/02/2013- Aprovação do aspecto teológico do milagre atribuído à intercessão de Madre Assunta, pelo Congresso dos teólogos das Causas dos Santos.

Referências

BONDI, Laura. **Madre Assunta Marchetti**: uma vida missionária. Brasília/DF: CSEM, 2011.

____. **Virtudes da serva de Deus Madre Assunta Marchetti**. São Paulo: Ed. Loyola, 2007.

FRANCESCONI, Mário. **Madre Assunta**. São Paulo: Instituto Cristóvão Colombo, 1974.

SARTORI, Bárbara. **Padre José Marchetti e Madre Assunta Marchetti**: dois irmãos, um único ideal. Brasília/DF: KACO Editora, [200-].

SIGNOR, Lize Maria. **Irmãs Missionárias de São Carlos Scalabrinianas** – 1895 - 1934. Brasília: CSEM, 2005.

____. **Irmãs Missionárias de São Carlos Scalabrinianas** – 1934 - 1971. Brasília: CSEM, 2007.

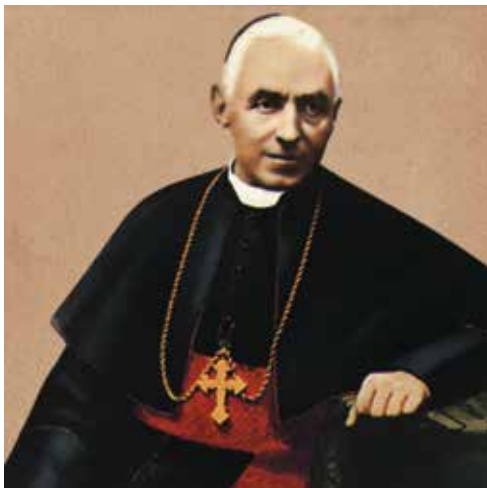
Orfanato Cristovam Colombo - 50º aniversário: 1895 - 1945. Edição comemorativa. São Paulo: [s.n.], 1945.

Índice

I - Minha História	9
1. Meu nascimento	9
2. Minha família	9
3. Infância e juventude.....	10
4. Vocação religiosa	12
5. As dificuldades.....	12
6. O encontro com Dom João Batista Scalabrini	13
II - Início da Missão Scalabriniana Feminina.....	15
1. Os planos de meu irmão.....	15
2. Um novo chamado.....	16
3. O grupo pioneiro	17
4. A viagem	18
5. Orfanato Cristóvão Colombo - primeira experiência	19
6. Padre José Marchetti.....	22
7. Um período de provações.....	24
III - Era preciso ser muito forte e corajosa	26
1. Enfrentado as dificuldades.....	26
2. O florescer de novas vocações	27
3. A dimensão missionária do carisma.....	29
4. Scalabrini chega ao Brasil - ele vem, escuta e encoraja.....	30
5. Tempos de reorganização (1907-1924): fui nomeada superiora geral (1912-1918)	32

IV - Expansão da Congregação Scalabriniana Feminina	36
1. A Congregação Scalabriniana Feminina se expande em São Paulo e no Rio Grande do Sul.....	36
2. O lado feminino da obra missionária em São Paulo	37
3. A expansão no Rio Grande do Sul.....	37
4. De volta a São Paulo	39
5. Luzes e sombras no horizonte (1924-1927)	39
6. Segundo período como superiora geral (1927-1935).....	41
7. Estabilidade e expansão missionária.....	41
V - “Gostaria de voltar entre os órfãos”	43
1. A missão fecunda em Mirassol/SP (1935-1947)	44
VI - A anjo da caridade encerra sua peregrinação na Terra	45
VII - A voz das testemunhas.....	47
1. O grande distintivo: a caridade.....	47
2. Força constante no sofrimento	48
3. Madre Assunta, a religiosa das muitas virtudes.....	48
Palavras Finais.....	51
Cronologia.....	54
Referências.....	55

Congregação das Irmãs Missionárias de São Carlos Borromeo Scalabrinianas (1895)



João Batista Scalabrini
Fundador



Assunta Marchetti
Cofundadora



José Marchetti
Cofundador



Congregação das Irmãs Missionárias de
São Carlos Borromeo Scalabrinianas

Província Cristo Rei

www.mscs-pcr.org.br

Rua Miguel Tostes, 187 - CEP 90430-061

Porto Alegre - RS - Brasil

Centro de Estudos Migratórios Cristo Rei - CEMCREI

www.cemcrei.org.br - cemcrei@cpovo.net

Rua Castro Alves, 344 - CEP 90430-130

Porto Alegre - RS - Brasil